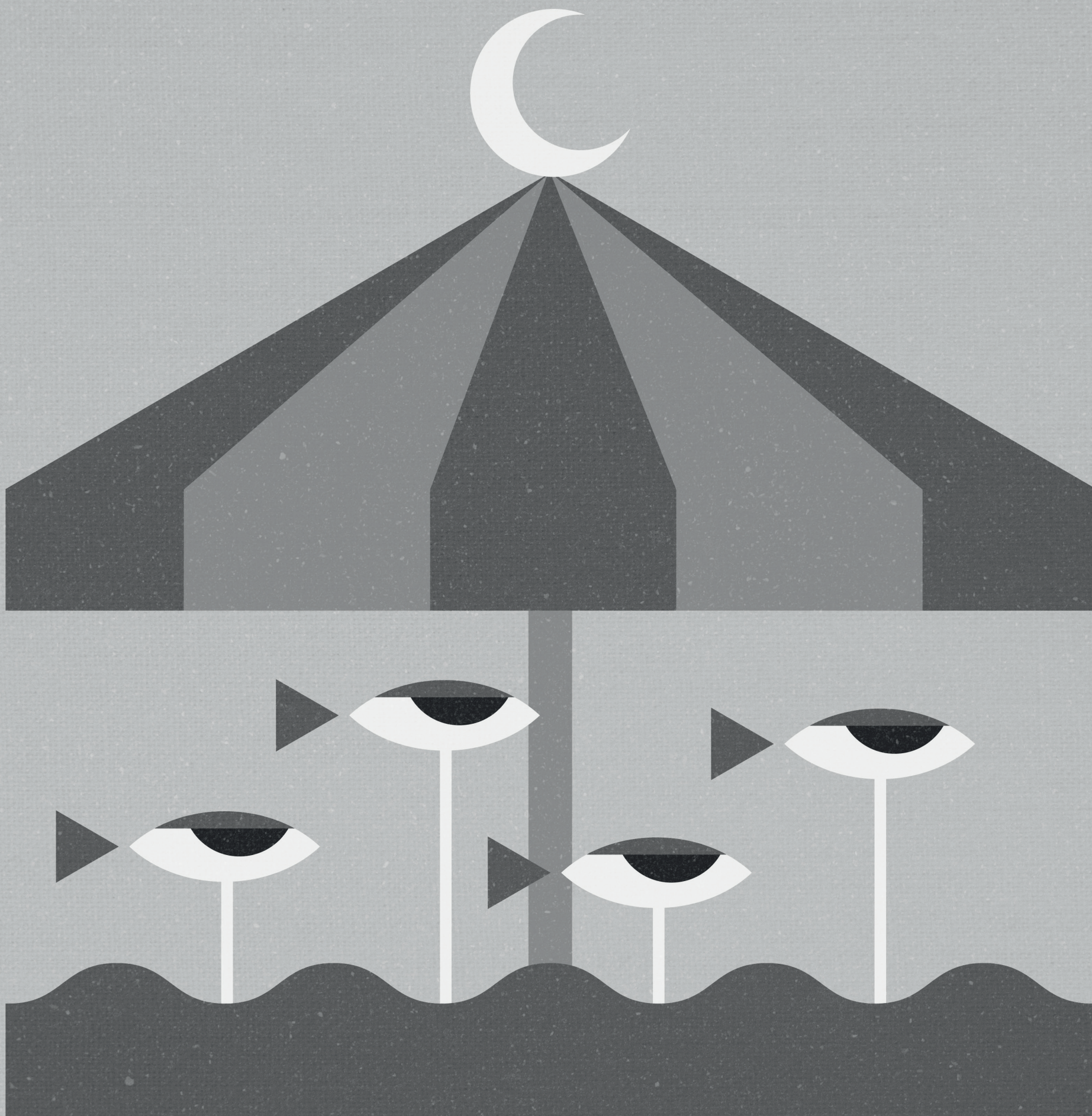






DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 7.285

R\$ 25 Eduardo Iantorno de Moraes; **R\$ 60** Luísa Yamaoka; **R\$ 70** Helena Sofia; **R\$ 80** Alejandro Barreneche; Allan Dissenha; Anélia Pietrani; Ariel Boaz Costa e Silva; Arthur Amorim; Ben-Hur Demeneck; Bianca Habib Silva; Bruna Indalêncio; Bruno Magno Lopes; Daniel Montoya; Danilo Freire; Eleazar Carrias; Fernanda Ramires de Carvalho; Fernando Faísca Rosa; Gabriel Mussiat; Giulia Skieres; Guto Souza; Isabelle Eler; Jordana Machado; José Degrazia; Karoline Biavatti; Kátila Kormann; Leda Lopes Calixto; Leonardo Oliveira; Lia Lins; Lucas Laranjeira; Lucas Litrento; Marcia Leal; Marco Aurélio de Souza; Maria Marta Avancini; Mariana Abram; Natalia Azevedo; Nicolás Wolaniuk; Octávio Ferreira; Paula Piereck de Sá; Pedro Aragão; Pedro da Cruz Marques; Raísa Cavalcante; Renata Ettinger; Renata Pinto; Rodrigo Maroja; Rodrigo Vaz; Suellen Alves; Tamara Kiver; Tiago Flores; Vitor Campos Lino; Wagner Giaretta; Walisson Oliveira; Wesley Pinheiro; William Sbizzera Saab; Yvonne Miller; **R\$ 90** Pedro Bertolin; **R\$ 100** Diana Visconti; Rômulo Cardoso; Teresa Silva; **R\$ 120** Alexandre Boide; Bruno Vasco; Gladis Naira; Isloany Machado; Marcelo Almeida; Maria Helena da Nóbrega; Nilson César Castanheira Guimarães; Priscila Figueira; **R\$ 140** Eduardo Bueno de Oliveira; **R\$ 160** Adriana Vitor Porto; Massilon Silva; Corina Tuyama; João Paulo Vani; Léo Rachid; Mateus Netzel; Natan Schäfer; Rebeca Ribeiro Gomes; **R\$ 200** Alessandro Rodrigues.

ANUNCIANTES R\$ 1.840

R\$ 500 Fazia Poesia; **R\$ 400** Maniacs; **R\$ 300** Vitor Miranda; **R\$ 150** Coruja Buraqueira Livraria & Café; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; Dito & Escritos; Nostalgia Sebo e Livraria; **R\$ 50** O Alienígena da Amazônia; Rede Macuco.

CONSULTORIAS R\$ 1.000

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS

Correios R\$ 3.200
Transporte R\$ 200
Papelaria R\$ 700

Domínio mensal R\$ 600

CUSTOS FIXOS

Gráfica R\$ 2.830

Escritório R\$ 300

Editor-assistente R\$ 450

Serviços editoriais R\$ 250

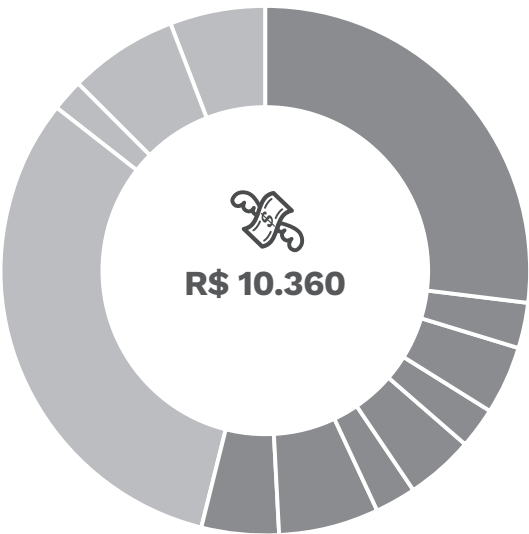
Serviços gráficos R\$ 450

Serviços logísticos R\$ 250

Mídias sociais R\$ 650

Colaboradores de outubro R\$ 480

Editor-executivo R\$ 0

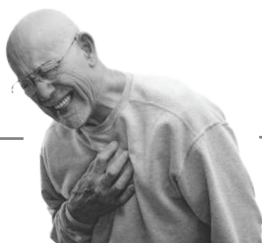


AQUI GERALMENTE VAI UMA FRASE ENGRAÇADA

Entradas totais: R\$ 10.125

Saídas totais: R\$ 10.360

Resultado operacional: R\$ -235



EXPEDIENTE

Novembro 2025



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Rafael Maieiro
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 29 de outubro de 2025.



DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Natalia Azevedo. Você pode conferir mais do trabalho dela em [instagram.com/nat.azevedoart](https://www.instagram.com/nat.azevedoart).



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Bonbance, de autoria da designer francesa Louna Bourdon.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

BEIJO NO CORAÇÃO

Natan • Olá, meu nome é Natan, do 8º A. Gostaria de dizer que a parte das cartas é maravilhosa. Um monte de pessoas contando suas experiências muito loucas com o Jornal. Várias cartas são muito engraçadas e as ilustrações são lindas. Já pensaram em fazer mais tirinhas? Isso poderia atrair um público mais jovem. Eu lembro de pegar os jornais do meu pai só para ler as tirinhas. Bons tempos. Mas isso é apenas uma dica. Continue assim! Muito obrigado pela atenção :)

Emilly • Oi, **RelevO**! Sou a Emilly do 8º A. Comecei a ler esse mês as últimas três edições e gostei muito do jornal. Tenho uma sugestão a fazer: vocês podiam ter uma seção chamada “RelevinhO” para leitores mais jovens. Vocês também poderiam publicar mais tirinhas e, além disso, ter uma coluna de fofoca porque, na minha opinião, saber fofocas dos escritores enriquece nosso conhecimento sobre literatura. Respeitosamente, Emilly.

Ana Furacão • Adoro adoro o **RelevO**. Acompanho vocês desde o Ensino Médio. Pegava o Jornal lá no sebo Joaquim e lia aos pouquinhos até conseguir outra edição, e isso faz mais de 10 anos!

Nílbio Thé • Rapaz... Dia desses abri um pacote atrasado e tinha lá **MACBET**, morri de rir. Eu teria demais uma sessão no **RelevO** para escrever abobrinhas, toparia até ser ombudsman. Qualquer coisa para me humilhar pública e literariamente como arremedo de escritor que um dia será publicado de verdade... Mas nunca consegui publicar nada, exceto por um comentário na DM do editor, que foi publicado de surpresa. Mas é sempre um alento esse jornal. Continuem.

Leticia Helena Prochnow • Oi, Jornal. Escrevendo essa cartinha eletrônica diretamente da lavanderia do supermercado Angeloni, em Itajaí. Foi a 100ª unidade da franquia a ser instalada, conforme anuncia o banner nas vitrines, que é acompanhado do sorriso postiço do César Cielo. Já faz uns dois meses que minha máquina de lavar estragou, e agora guardo as edições deste estimado jornal para ler quando tenho que lavar roupa. Devo ficar uma hora e meia aqui vendo um tanto de gente entrar, sair, jogar a roupa da máquina para a secadora, fitando

com curiosidade aqueles que realmente usam o baldinho padrão como medida—não simplesmente socando os equipamentos com o máximo de peças que couber garantindo que o ajuntamento de roupa ainda possa ser centrifugado—e performando, como diriam no Twitter, lendo o periódico deitada entre dois pufes para passar o tempo. Faltam agora somente dez minutos para a minha máquina terminar a lavagem e eu poder iniciar a secagem. PI-PI-PI! A secadora da senhora que aguarda do meu lado apita, e ela logo se levanta, retira tudo da máquina e começa a dobrar tudinho antes de ir para casa. Que disciplina. Acontece que ultimamente não estou tendo muito tempo para ler, escrever, desenhar meus rabiscos. A solução que encontrei foi fazê-los enquanto executo uma série de tarefas domésticas que geralmente me aborrecem. A primeira vez que separei duas horas para ficar na lavanderia lavando as duas malas de roupa suja que tinham se acumulado, vim xingando Deus e o mundo. Porém, sou uma criatura de hábitos. Concebida essa rotina na hora de lavar roupa, ir na lavanderia agora me traz uma paz danada. Parece até que ler aqui, toda torta nesse pufe sem enchimento que botaram para deixar o ambiente mais cool, se tornou mais prazeroso do que ler em casa. Não à toa estou postergando há semanas a compra da peça de encanamento que consertaria a minha máquina. Ficou esquecido no meu carrinho do Mercado Livre. Quando o processo todo termina, e eu vou amassando todas as roupas dentro das malas onde as trouxe, deixo a edição lida em um canto do estabelecimento a fim de que outra pobre criatura entediada se entretenha enquanto espera. Vai praticamente virar um ponto de distribuição. De nada.

Alejandro Barreneche • Olá! Faz 6 meses que meu melhor momento da semana (aliás, do mês) era a leitura do **RelevO** durante 15 minutos no café dos baristas em Brasília. E infelizmente eram só 15 minutos, porque estava no caminho pra escola da minha filha. Depois ficava com mais vontade de ler e conseguia mais 15 minutos no fim de semana, mas com outra filha em casa, nunca consegui ler direto e aproveitar da riqueza do jornal. Meu presente de aniversário é ler vocês! Agora quero ler tudo.

Márcio Berclaz • Porque manter o **RelevO** impresso não é para qualquer mortal. É literatura raiz, analógica, que sobrevive a um custo sobrenatural. É para gente engajada que sabe o valor e o trabalho vivo empenhado no bom e velho papel jornal. Nada mal. Ao contrário. Autêntico e original. Assinaste já? Que tal? Obrigado a toda equipe do **RelevO**. Vocês fazem a diferença! Baita abraço!

Giulia Skieres • Referente à edição de outubro (que está ótima por sinal), a Sra. Minerva fez-me lembrar da minha primeira vez (não disse do quê) onde me autointitulei uma estrela-do-mar. Aproveito para avisar à Sra. Minerva que o texto dela é ótimo. Gostaria de avisar também ao revisor que, ao colocar meu nome nas novas assinaturas do mês, acabou comendo um “S”.

Renato Argel • Boa tarde. Venho pedir esclarecimentos acerca do arquivo PDF que enviei em 28 de abril e, até hoje, não recebi devolutiva. Nas primeiras vezes que questionei isso, recebi a resposta de que eu deveria aguardar em torno de 90 dias, já nas outras vezes, minha mensagem foi apenas ignorada. Queria apenas que me tirassem essa dúvida. Estou há bastante tempo conferindo os e-mails e aguardando essa resposta e não é respeitoso ignorar um mero esclarecimento sobre isso, para além do tempo que eu não recebo uma resposta sequer. Os primeiros poemas que enviei ao jornal não foram aceitos e eu tomei isso como uma forma de buscar melhorar a escrita e de poder enviar novas obras, até porque, na época, vi no site que havia essa possibilidade. Tenho muito apreço e admiração pelas edições do **RelevO**, gosto de mostrá-las a amigos aqui na cidade e, inclusive, fiquei muito feliz quando recebi um exemplar, como cortesia da não aprovação num primeiro momento, só não esperava esse tratamento durante este outro envio. No mais, peço apenas que essa devolutiva seja enviada, por favor.

Da redação • De fato, lamentamos a nossa promessa não cumprida de retornar em 90 dias. Prometemos melhorar os nossos procedimentos para 2026 quase como um auto de fé.

DE ANÚNCIOS

Luis Felipe Mayorga • A página inteira ainda está custando 500 reais? Se o anúncio for um texto autoral do anunciante imitando o conteúdo normal do jornal, não acaba se tornando uma espécie de vulnerabilidade no sistema, ameaçando o controle de qualidade do material publicado? Se vários autores decidirem comprar uma página usando essa estratégia para fingir que tiveram seus textos aprovados, onde fica a integridade editorial do **RelevO**? E se essa frota de escritores-anunciantes colocar um material realmente duvidoso nos anúncios, vocês desistem do dinheiro do anúncio ou pagam pra ver se os leitores vão perceber? Ou para casos como esses vocês já possuem um plano de ação que prevê a nota de rodapé “isso é um conteúdo publicitário e não representa a política editorial do **RelevO**”? Ainda não tenho nada em mente para um anúncio desse porte, apenas navegando pelas vastas possibilidades. Dá pra aprontar um bocado de coisas com 500 reais, hein.

Luísa Yamaoka • Olá! Fui na Biblioteca Pública do Paraná e achei a edição de outubro. Tem algum jeito de adquirir a edição de setembro? Parabéns pela perseverança: manter um projeto literário por 15 anos é muito impressionante.

Paula Pioreck • Boa noite, Jornal! Embora nem sempre consiga ler as edições com a frequência que gostaria, é sempre um prazer quando consigo. Abraços!

Alexander Bird • Prezados, boa tarde. Adoro a revista [sic]. Seria legal se vocês promovessem melhor os livros que vocês anunciam. Por que vocês não divulgam o Instagram de leitores influentes? Adoro a **RelevO**, mas sinto falta de mulheres gostosas fazendo propaganda de motel na revista. Atenciosamente.



Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami

redemacuco.com.br
20 anos

*you have
a book of poetry?*

*we have
our readers*

*send an email to
contato@faziapoesia.com.br
and include your work in the channels of the portal Fazia Poesia*

Apoio, incentivo, colaboração, micromecenato, fomento, investimento

Há 15 anos, o **RelevO** é sustentado por uma convicção simples: a literatura e o jornal impresso podem existir com liberdade e continuidade. Todos os meses, centenas de leitores, espalhados por todos os estados do Brasil, recebem gratuitamente nossas edições. São 320 pontos, de Manaus a Erechim, que acolhem entre cinco e dez exemplares. Ainda não conseguimos pontos de distribuição no Acre e no Amapá, embora tenhamos leitores assíduos nesses estados. O corpo de pouco mais de 1000 assinantes e 15 anunciantes regulares sustenta a nossa operação e proporciona ao Jornal chegar sem custo em livrarias, sebos, cafeterias e bibliotecas comunitárias. É o nosso jeito de nos “espalhar” há quase 200 edições. Em dezembro, atingiremos a marca ducentésima sem nunca ter falhado um mês sequer.

80% do **RelevO** é mantido regularmente por assinantes. São pessoas que pagam, na média, entre R\$ 5 por mês a R\$ 160 ao ano e fazem a nossa logística girar. Todos os dias, o **RelevO** recebe no mínimo quatro horas de dedicação exclusiva; em certos dias, até inventamos horas para manter a logística funcionando, sobretudo porque acontece sim de termos reclamações, falhas de comunicação e problemas com prazos — principalmente nas devolutivas dos textos enviados, nosso cobertor mais curto.

Mas viver tudo isso por tanto tempo só faz sentido se tivermos grana para custear os gastos mensais e, por consequência, leitores que justificam a labuta. Um jornal literário independente, no Brasil, exige mais do que dedicação: exige persistência e o apoio consciente de quem acredita na importância de um projeto feito por pessoas e para pessoas que não estão no topo da pirâmide. Somos, sim, um produto e temos o compromisso ético de fazer com que ele chegue às mãos de quem o apoia, compra e acredita na sua continuidade.

Contudo, antes de qualquer coisa, somos uma iniciativa de circulação de ideias, de estímulo à leitura, de abertura para novas vozes e olhares. Cada edição nasce do encontro entre o trabalho artesanal da equipe e a colaboração da comunidade que nos sustenta. Apoiar um jornal independente é, portanto, investir na permanência de espaços de reflexão, experimentação e liberdade criativa — algo cada vez mais raro no cenário cultural brasileiro (e global?).

Assim como quem compra um livro apoia o autor que o escreveu, quem apoia o **RelevO** contribui diretamente para que escritores e artistas tenham seu trabalho em circulação. A biblioteca

dos livros não lidos incomoda, assim como quem assina e não consegue acompanhar as edições do jornal fica ressabiado de seguir investindo. Mas podemos pensar que cada valor investido, por menor que pareça, é uma forma de apoio recorrente. É um gesto de confiança e incentivo à produção artística e intelectual que perdura fora dos grandes circuitos comerciais.

Não custa lembrar que somos um periódico fundado por um ex-entregador de jornal de Araucária, Região Metropolitana de Curitiba. Aliás, nem em Curitiba, onde o Jornal tem sede, o **RelevO** é chamado para As Grandes Festas da Literatura Local — também não é uma reclamação, pois sabemos de quais clubes não queremos ser sócios. Financiar, com qualquer quantia, um jornal de literatura é botar pra rodar um projeto que atinge aproximadamente 15 mil pessoas por mês. Mais do que muitas HerdeiroFest de escritores para escritores.

O **RelevO** não pertence a uma editora, empresa ou grupo econômico. Não temos um bom sobrenome. Não publicamos amigos, gente de ótimo networking ou quem pede permuta. Somos fruto de uma rede de colaboradores e leitores que compartilham a mesma crença: a de que a palavra escrita ainda tem alguma importância e deve ser democratizada, mesmo quando o patrocinador não consegue ler todas as edições. Para que possamos continuar imprimindo, distribuindo, pagando os custos e remunerando a equipe envolvida, precisamos da participação ativa de quem nos conhece e acredita neste projeto. E isso se trata, na maioria das vezes, de dinheiro, aquilo que alimenta um circuito inteiro — circuito que nada mais é que a soma de diversos planos pessoais.

Então por que apoiar?

Para garantir que o Jornal continue gratuito e acessível para quem não pode assinar ou não conhece o nosso trabalho;

Para fortalecer a literatura independente e o ecossistema dos produtos culturais;

Para manter viva uma iniciativa feita com cuidado, curadoria e propósito (teimosia autoral);

Para que novas vozes continuem tendo espaço para se expressar.

Se você já leu uma edição do nosso periódico, riu, se emocionou ou pensou diferente por causa de um texto nosso, considere transformar essa experiência em apoio financeiro. Muito obrigado por nos acompanhar, de coração, e boa leitura. 📖



APOIADORES



MARLON REIS
& ESTORILIO
ADVOCACIA



BANCA TATUI

bancatui.com.br / Desenho por Ângela León



Nostalgia
Sebo e Livraria

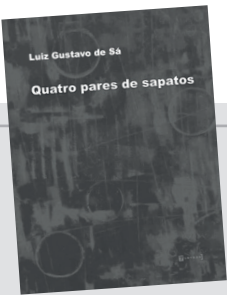
@nostalgiasseboelivraria
Cacoal-RO



OMBUDSMAN, “MOSTRAR MAIS”? (2) — Rafael Maieiro impudica

“e espero que eu jamais alcance / a impudente idade do bom-senso”

Versos de Maiakóvski que pegam bem só até uns 40? Ou a impudica idade do bom-senso corrói as entranhas da poesia nacional, inclusive, deste jornal? Sorriso maroto quase envergonhado, um café com o dedo em riste.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

A poesia de Luiz Gustavo de Sá interroga, desvia, reinventa, combinando imagens, ritmos e associações inesperadas. Cada eixo do livro abre uma possibilidade de caminhar, seja pelo rastro do cotidiano, pela intensidade do amor, pelo descompasso da modernidade ou pelo assombro diante da natureza. O autor nos convida a seguir por esses caminhos múltiplos não em busca de um destino, mas da surpresa de cada passo, tanto através de terrenos acidentados quanto por jardins de puro lirismo. Depende para onde quisermos ir.

Quatro pares de sapatos
Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Editora
Littera lux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



[@EditoraLitteralux](#) [/litteraluxeditora](#) [@editoralitteralux](#) litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMONINHOS
.COM.BR

[@EDITORAMONINHOS](#)



Horóscopo é um saco

Ao ouvir o chirriar dos grilos e sentir a ponta dos pés congelando, quase sem circulação sanguínea, ele se deu conta de que acabou adormecendo no sofá durante a tarde inteira. Janelas totalmente abertas, mosquitos picando até o cu — esqueceu de se vestir —, notou que a bituca do cigarro havia feito mais um buraco no tapete da sala.

Procurava algo para beber, para ajudar a acordar, mas o álcool disponível em casa acabara. Optou por se arrastar para algum bar da cidade, de preferência um nem tão longe que fosse necessário ir de carro, nem tão perto que o fizesse desistir e acabar escolhendo o 24 horas da esquina do apartamento.

Ao se olhar no espelho, encarou o quanto parecia desprezível e velho, mas, ao mesmo tempo, capaz de acabar com qualquer um que cruzasse o seu caminho naquela noite.

A barba por fazer — um charme.

Bafo de cachaça misturado com cigarro —típico.

Quando foi se vestir, lembrou que ainda não havia se limpado da punheta de mais cedo no sofá com uma antiga edição da *Sexy*.

Decidiu usar a pia da cozinha mesmo, aparentemente a água era mais forte e o balcão mais baixo. Vestiu as únicas coisas presentes em seu armário: camiseta surrada, jeans e um All Star velho — algo que jurava o deixar mais “descolado”, (60+).

O clima estava agradável, as ruas estavam calmas e ele foi andando por aquelas bandas até encontrar, segundo os seus critérios, o bar menos pior, onde pudesse encontrar bebida barata, sinuca e umazinha pra comer no banheiro.

Era o típico escritor falido, com espírito de grandeza atrás de outro porre para escrever depois para os desavisados como se fosse a noite mais interessante que já havia tido, afinal, não há nada que não fique impressionante com boas palavras.

Apesar da fachada decadente e das cadeiras de plástico na calçada, ele não encontrou bem o público que desejava. O local estava cheio de jovens procurando o ângulo certo, o canto mais instagramável e cigarros eletrônicos. Algumas figuras questionavam se não havia uma playlist melhor do que a do jukebox, outros importunavam o garçom à procura de um sex on the beach.

Arrastou uma cadeira até o balcão e compactuou com o olhar desprezível vindo de trás do caixa. Pediu uma dose de vodca para iniciar e que logo trouxessem a cerveja gelada. E mais uma, mais uma e outra e ...

Com a cara cheia, e o saco também, foi tropeçando até a rua na tentativa de melhorar o ambiente. Com os olhos meio embaralhados por conta das doses anteriores, ele viu, cambaleando, uma moça muito linda (ao menos era o que parecia) se aproximando. Não tinha mais de 30.

La dar a volta para dentro do bar novamente, mas a gostosa perguntou se teria cigarro e fogo.

(Fogo tem, meu bem, o cigarro ainda vou decidir)

Cabelos bem pretos, longos e soltos que chegavam até quase a cintura, um vestido curto que acentuava todas as suas curvas, e as coxas, ah, as coxas que o estavam fazendo pensar no estrago que faria ali, uma boca carnuda que o estava fazendo salivar.

(Tem cigarro também, baby)

— À vontade, meu bem.

Ofereceu o seu Marlboro vermelho e o isqueiro.

— Já vi que não aprecia os mentolados.

Ele respira fundo, lembra dos seios fartos a sua frente, sorri e acena que não.

— Me chamo Letícia, tu salvou minha noite. Acabei esquecendo de comprar e aqui nesse pé sujo não vende. Qual o seu nome, meu salvador?

— Nestor.

— E o que você faz da vida, Nestor?

(Sério isso? Não dá pra pular logo para a parte em que eu te como no banheiro?)

— Sou escritor— responde, tentando manter certa atenção.

— Certeza que já li algo seu, me fala um pouco de seus títulos.

(Duvido muito)

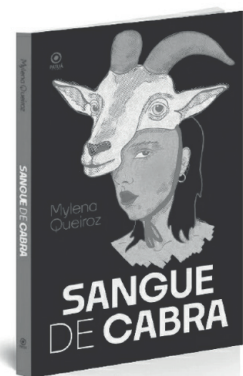
Mas como bom egocêntrico que é, começou a falar sobre si a ponto de ter enrolado a mulher por uns 20 minutos de conversa, até notar que seus olhos já estavam se revirando ao encontro dos amigos.

Nestor percebeu rapidamente que estava perdendo a sua atenção com a sua autopromoção e decidiu tentar logo a sorte.

— O que acha de terminarmos essa conversa ali atrás?

Ela pareceu satisfeita, pegou sua mão e foram em direção àquele corredor escuro onde ficam localizados os banheiros masculinos e femininos, mas que mais parecia um beco imundo, luzes vermelhas e azuis baixas e cheiro de urina.

Ele já imaginando que logo a colocaria de costas e despejaria nela todo o fracasso da semana, socaria com força todos os textos recusados do último mês e por três minutos esqueceria o aluguel atrasado.



Em nove cortes, *Sangue de Cabra* reúne narrativas de meninas e mulheres em meio aos horrores que insistem em acompanhá-las: O vídeo de uma menina assediada viraliza. Uma mulher recomeça a vida enquanto é perseguida por uma cabeça. Uma senhora sonha com o fim sanguinário de um latifundiário. Uma tragédia na cisterna une duas irmãs. Um local conservador readequa socialmente fêmeas. Amigas escrevem um texto sobre um ser com boca nas costas. Pesquisadoras decodificam mensagens em potiguara e em alemão num casarão em uma aldeia. Uma jovem ultrapassa limites ao defender sua colega de classe. Uma especialista em testes de fidelidade monta uma pegadinha com homens reincidentes.

Sangue de Cabra
contos de Mylena Queiroz

R\$ 60,00

editorapatua.com.br



Giulia Skieres

Subitamente, ela vira, já no beco dos amantes do sexo casual, mordendo o lábio inferior e pergunta: – Antes de irmos, preciso saber, qual o seu signo? Nestor sente as têmporas pulsarem de raiva com a mesma intensidade que seu saco. (Desde quando aquilo virou critério pra sexo?) Os olhos estavam ficando vermelhos, não sabe bem se era de ódio, cachaça ou a luz. As mãos suando e se espremendo rente as calças, ele queria gritar e sair cambaleando de volta pra casa com a mesma vontade que queria fuder aquela nativa digital. Apesar de seus esforços, sentiu que a hora havia chegado, o quente da canha queimava todas as suas entranhas, um gostinho particular do inferno. Preferia mil vezes apenas ter vomitado em cima dela, seria menos desgastante. Em vez disso, começou a sentir o seu saco inchar tanto, aquele calor infernal, quando olhou para baixo, já era tarde demais. Seu pênis estourou como um balão surpresa de festa de aniversário, contudo, em vez de brinquedos e doces, eram pedaços de sua própria carne que escorriam por suas pernas. Na sequência, o seu corpo todo se desmanchou aos pés da mulher. Lá se foi o galante escritor. Como um leviatã, ele se desfez em uma grotesca gosma preta, o próprio gozo do demônio, e escorreu pelo ralo, assim como os restos de urina. Letícia limpou os vestígios daquela gozada rápida e trágica, olhou para o resto dele se esvaindo pelo ralo. Voltando para os seus amigos, falou: – Tinha que ser leonino.

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...



@escritormayorga



É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.





Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Gostando da leitura? Que bacana. Vamos assinar então



Vitor Campos Lino

O peixe de Ferreira Gullar, a frase de efeito num filme de Christopher Nolan e o ódio contra meu ex.

peitinhos
nus e arruinados,
comia de garganta
profunda

intérprete dos
ciúmes,
da intimidade
irrigando um forte
suor
lá em meu sofá,
antes
da manhã
“difícil para o coração”

cumprimentando a
ideia
de ir à Paris
ou desposar-se do seu marido
turístico?

eu sei de segredos
seguros: ninguém por igual se apaixona
porém, primeiro eu,
— eu sambo

um torpedo, esteja livre
à tarde
que a fome no azeite criou
a merluza
— digo não é possível! disse a senhora
— é do peixe de estranGullar?
como n’umeu sonho
por
sapiência!

um gayzismo biarticulado

frouxos se oferecendo
pelo pior
abuso de tesão
pau no feio
afeminado
&
enrustido
tropeçando
o bueiro
da rua das flores.

os odores
do gayzismo biarticulado:
esperma viatura Halls preto
e selfsuck ou
estigma social?
degradousse
o circuito,
que beira

os ralos de Saltburn,
os banheiros da’sacademia
inteligente,
os gays da
Arábia Saudita são melhores
com a boca
aberta.

como
as feridas de Fausto no cu
são gayzes curitibundas,
aviltados glúteos na mão
mais foligulosos que
suas baratezas ou
colares de
pechincha.

— ah por que morrem muito em
Maringá?

sujeito
deu garupa à sua mente
libertina,
longe a quebrar uma
quadra por um pargo
da Venezuela
pulsante nos muros, soldadinhos
urinando
leche gay biarticulada, leche?
‘t’oremos e
oremos uma por uma
onde der na Domo ou em Praga.



Fragmento de “Segundo Esboço”

João P. G. Lagden

Um homem se perde em desventuras por-no-apocalípticas pelas ruas. Encontra uma dominatrix safo lésbica que cospe nos homens que encontra por dinheiro. A Grécia Antiga ainda vive entre os bares e lupanares (o Império Romano também, aparentemente).

O homem acorda no dia seguinte sem entender muito o que tinha acontecido no dia anterior. Perdeu todo o senso de causa e efeito da realidade havia anos. Não ligava pra nada, só pra próxima dose, pra próxima carreira, pro próximo cigarro, pro próximo baseado. Tinha que ir comprar seu veneno do dia, se encaminhou pra boca de fumo, subiu pelos becos e pelas vielas.

“Visão, cria”, disse o traficante enquanto bolava um balão duplo, o fuzil na vertical do seu lado.

“Visão, me arruma um pino de 10 e 2 pac de 20”, disse o homem, meio nervoso frente à quantidade de armas que via, mas tentando manter as aparências.

“Ainda”, disse o traficante, com o olhar desinteressado, mantendo a tal da postura, que todo traficante diz manter. Pega o dinheiro e entrega dois saquinhos com haxixe paquistanês dentro e um pininho de coca.

“Quebra esse balão pra nós fumar”, disse o outro traficante atrás da mesa da barraquinha.

Quebraram o balão e acenderam, o homem agradeceu pelo produto e foi embora, passando por crianças sem camisa brincando, mulheres na porta de casa sentadas observando os transeuntes e a vida continuando mesmo com todas as armas e todas as drogas em volta delas. A vida continua mesmo com tudo isso e ninguém se importa. A polícia finge que se importa. Não se importa. Só quer o dinheiro do arrego mesmo.

O homem refletia sobre como era fácil arrumar droga nessa cidade, a ilegalidade no Rio de Janeiro nunca foi empecilho pra nada. Quer droga? Você arruma. Quer putas? Você arruma. As regras aqui não valem de absolutamente nada. Ele se deliciava pensando na subversão da suposta ordem. Suposta porque nunca houve ordem. As leis aqui são apenas uma sugestão.

Com a droga no bolso, o homem volta pra sua casa, pronto pra mais um dia e mais uma noite renunciando todas as consequências. Renunciando às leis da causa e efeito. Afundando-se entre putas, drogas e um pouquinho de muito delírio.

A porra do *spleen* do Rio de Janeiro.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



OS RATOS VÃO PARA O CÉU?

Nestes contos sobre infâncias, Vitor toca em pontos que fogem da própria psicanálise. Em conceitos poundianos, misturado com a comunicação dinâmica de nossos dias, sarcasmo e realismo fantástico, relata uma espécie de distopia neurolinguística. Mexe em lugares perigosos da mente humana. Deturpa a retina do narrador em sua obra mais radical. Nos faz deixar de achar absurdo a possibilidade de engravidar de um sapo. Pega pesado. O livro provoca. Escancara como nós somos assassinos. Depois dos poemas de Exátomos (seu livro anterior) nos mostrar que pioramos. “Os ratos vão para o céu?” vem com a crueldade das crianças. Quem escreveu esse livro de contos foi a sua criança mais revoltada. Miranda escreveu um dos livros mais políticos dessa geração ao nos colocar de frente para a tortura de nossas infâncias que um dia chamamos de futuro da nação.



Adquirir direto com o autor no
instagram @vitorlmiranda

A primeira palavra

o bebê gagueja sua primeira fala. os pais ~~esperam~~ ansiosos. a mãe ~~torce~~ pra que seja mamãe. o pai pra que seja papai. ele mexe os bracinhos. vovó manda beijinho. e o som vai saindo. a primeira palavra é muito significativa. tal qual a última, tipo “rosebud” do cidadão kane (e que acaba não levando à nada de importante, mas geralmente significa). quase sempre está relacionada ao que mais ouvimos no início de nossas vidas. e eis que a pequena criatura por fim enuncia sua primeira palavra. com a baba escorrendo pelo queixinho, ele diz:

— google



Ana Mantêion

À duração de minha existência dou uma significação oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios.

Clarice Lispector em *Água Viva*

hoje passei diante de uma casa que me prendeu a atenção. Não era bonita, nem se esforçava para ser; não havia nela nada de espetacular, nenhuma promessa estética, nenhum ensaio do belo. era só uma casa. paredes simples, pintadas um dia, agora gastas pelo tempo, a tinta rendida ao sol. pela janela, a luz amarela acesa, formando uma resistência íntima, domiciliar, quase familiar. cruzei a rua e me sentei na calçada oposta. acendi o meu canelado, grosso e fino ao mesmo tempo, e fumei devagar, olhando a casa se decompor diante de mim. pensei no quanto de tempo ela havia atravessado. os passos que entraram e saíram, as alegrias silenciosas, as tristezas que se espalham pelos cômodos como umidade. até mesmo no carteiro pensei, que insistente, deve ter deixado cartas por anos, para alguém, para ninguém, para o nada. a casa suportava tudo, guardava tudo, e não dizia nada, notava-se seu desespero pelas rachaduras que mais pareciam entranhas de algo íntimo, tripas saindo para fora, um corpo ensanguentado pedindo socorro, mas sem ajuda, agonia em vão, sem nada. as janelas não eram apenas janelas, eram olhos cansados que espiavam o externo tentando buscar algo, algo que, naquela casa, nunca foi encontrado. observavam a rua, os carros, as pessoas apressadas, e talvez me observassem também, ali sentada, fumando com a lentidão de quem quer estender um instante comum até que ele comece a significar outra coisa. fiquei ali por mais tempo do que deveria. não havia nada a esperar, e ainda assim esperei. um

vento leve levantava poeira da rua, trazia o som distante de um rádio ligado em alguma cozinha, alguém falava sobre o preço das coisas, o país, a inflação, a gasolina. frases partidas que chegavam até mim e se desfaziam antes de ganharem sentido completo. pensei que talvez dentro daquela casa também houvesse uma cozinha, com panelas penduradas, toalha plástica na mesa, e alguém ouvindo o mesmo programa, distraído, mexendo um café ou cortando legumes para o jantar que logo seria servido. ali poderia viver a senhora ramsey prometendo, ao seu filho, uma vida ao farol, caso o tempo amanhã fosse firme; ou talvez clarissa dalloway, sempre dando festa para encobrir o silêncio. não sei de onde veio essa imagem, mas era insistente, mais ou menos se tivesse vivido ali uma vida que não era minha. talvez tenha sido assim que tudo começou para muita gente: uma imagem estranha que se encaixa no corpo como lembrança, uma vida possível que atropela a nossa sem pedir licença. olhei de novo para a fachada e cada rachadura parecia mais funda do que antes, mais viva, percebi que a casa me devolvia o olhar. não era um espelho, mas sim algo que observa em silêncio, sem prometer respostas, dando, talvez, julgamentos, mas sempre na presença pesada do silêncio. senti que eu também estava sendo lida; lida pela luz acesa, pela janela entreaberta, pelo chão gasto da calçada. havia uma comunicação muda, lembrando as pessoas que compartilham um segredo antigo. o tempo ali não passava, ou passava de um modo diferente, invisível. carros



Marieta Amadeo

vinham e iam, mas tudo parecia contido dentro daquele pequeno perímetro entre mim e a casa. pensei que, se eu me levantasse e fosse embora, nada mudaria, ela continuaria ali, resistente, imóvel, acumulando os dias feito quem junta papéis antigos numa gaveta. mas, ao mesmo tempo, havia algo nela que me puxava, e não me refiro à beleza e nem à nostalgia, penso que seja um tipo de verdade sem adorno, uma permanência que desafia o esquecimento por mania, por força do hábito. de repente, senti que alguém poderia abrir a porta. uma figura comum, sem importância, com passos hesitantes, saída de um sonho antigo. esperei esse movimento. a maçaneta girou devagar, sem pressa, e uma senhora apareceu. vestia uma bata clara, o tecido parecia confortável, era elegante, pendendo dos ombros de forma displicente. trazia nos dedos, também, um cigarro aceso, que tremia levemente cada vez que ela inspirava. a fumaça subia reta, depois se desmanchava no ar frio da tarde. agora, além dos olhos das flores brancas e pequeninas que mais pareciam pupilas, eu estava sob o seu olhar. ela não parecia surpresa com a minha presença. me olhou de relance, um olhar curto, sem curiosidade nem desconfiança, desses que se dão a quem se vê todos os dias, há quem reconhece ou conhece há anos. acendeu outro fósforo, o primeiro havia falhado, e tragou fundo, o peito abrindo num movimento antigo, repetido muitas vezes, e manteve-se encostada ao batente da porta, de pé, imóvel, com o corpo entregue à rotina de quem fuma sempre no mesmo lugar, me dando a visão contrária da que eu tinha. seu cigarro queimava aos poucos, a brasa acesa iluminava a ponta dos dedos finos, enrugados, sem anéis. um cachorro pequeno apareceu atrás dela, farejando o chão, depois deitou na soleira, num silêncio familiar. senti que havia ali uma coreografia muito antiga: ela, a porta entreaberta, o cigarro, o cachorro, tudo no seu devido lugar, nenhum elemento sobrando, exceto por mim. pensei em dizer algo, mas não disse. havia entre nós uma espécie de acordo tácito implícito: cada uma permaneceria no seu canto,

observando a outra com uma atenção contida. o tempo estendeu-se entre a minha fumaça e a dela, duas linhas paralelas desenhando o ar da rua. por um instante, tive a impressão de que aquilo já havia acontecido antes, muitas vezes, sempre igual.

a senhora permaneceu por mais algum tempo na soleira, tragando em intervalos precisos, o olhar perdido em algum ponto da rua que não era o meu. os cabelos brancos presos num coque frouxo, alguns fios escapando e dançando no vento. havia uma dignidade silenciosa em sua maneira de portar-se, não chamo de altivez, mas uma firmeza tranquila, herdada de quem já viu os dias se repetirem incontáveis vezes. estava bem com o fato de que o tempo é o tempo, inconvenientemente igual em um certo momento da vida. os dedos que seguravam o cigarro tremiam de leve, sem fragilidade aparente, tremor de hábito, não de fraqueza, gostei de perceber nela os hábitos, uma coreografia sistemática do que fosse. de repente, ela falou, a voz baixa, rouca, arranhada por anos de fumo e conversas no portão. perguntou se eu era parente dos antigos donos. neguei com a cabeça. sorriu de lado, um sorriso curto, sem dentes à mostra, contou que havia trabalhado como professora a vida inteira, que aquela era a casa da irmã mais velha, morta há mais de dez anos. vinha às tardes, dizia, para “arejar a memória”,

expressão dita sem peso, como quem fala sobre abrir janelas, lustrar móveis, deixar a luz entrar. enquanto ela falava, percebi que sua presença não preenchia o espaço, ela o reativava. cada palavra reabria frestas, memórias, coisas já vistas. falou dos vestidos de festa que costurava até tarde por diversão, da luz sempre acesa, do portão que rangia. nenhum lamento, nenhuma nostalgia lacrimosa. apenas fatos que iam se empilhando dando a imagem de retalhos sobre uma mesa antiga. ela apagou o cigarro na parede externa, foi um gesto decidido, quase cerimonial, e lançou a bituca num canto da calçada. me olhou por um segundo mais demorado e, nesse segundo, algo se deslocou dentro de mim. não havia nada de extraordinário naquele olhar, nenhuma revelação grandiosa, mas senti um arrepio sutil, uma vertigem. uma parte minha, que eu não sabia estar à espreita, se reconheceu nela. os cabelos brancos, a roupa, o cigarro entre os dedos, a tarde imóvel, tudo conspirava numa cena que parecia cotidiana, quase chata, irretocável. e, no entanto, percebi com espanto que encarava o destino. não o destino romanesco dos livros, mas o tecido miúdo, invisível, que costura os dias até que um rosto qualquer se torne espelho. lá estava ela, em meados de julho, de pé na porta, e lá estava eu, sentada na calçada, notando que éramos duas versões de uma mesma mulher, separadas apenas pelo tempo.



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

MASCOTES 2.5

Jornal RelevO propõe alternativas lúdicas para setores em crise de imagem

O mundo dos mascotes nunca foi o mesmo desde que, em setembro de 2021, o **Jornal RelevO** adotou o pangolim fumante ReleVito como seu representante oficial. Em plena pandemia, antes mesmo da popularização das bets, da trembolona e dos cigarros eletrônicos, descobrimos que um segmento inosso e desinteressante, comumente destituído de hormônios – como é a “cena literária” de modo geral –, pode também se tornar no mínimo “agitado” e frequentar o noticiário com conteúdos um pouco mais apimentados.

Pensando na lógica das redes, em que “fale mal, me humilhe, me faça passar vergonha e me

processe, mas fale de mim”, decidimos inovar. Quer dizer, essa é metade da história. Devíamos um favor. Para um primo. O primo tem uma agência. Ou melhor, tinha (o que também é outra história). E, enfim, ele precisava de ajuda com o *branding* de alguns setores pouco simpáticos da sociedade e “com certos problemas de tributação”, então entrou em contato conosco. “Sei que vocês têm experiência com isso”, ele enviou em mensagem de áudio, “e também sei que você ainda não pagou aquela ida pra Ilha do Mel no Ano Novo de 2023, né”.

Sua proposta era clara: aprovado o pri-

meiro *job*, faríamos uma série de testes com o mercado. Tudo muito promissor. O próximo passo? Sim, contratar uma consultoria para que a agência pudesse desenvolver com mais clareza o que nós, clientes, acreditamos que precisamos, mas não saberíamos mensurar porque, enfim, ninguém sabe direito o que quer, tampouco para onde ir – um vácuo para o qual existem consultores. Todavia, acabou o *budget*. Enquanto a consultoria não se torna viável para avaliar o efeito de nossas ideias, os primeiros mascotes já estão em processo de implementação.

Mascote: Carreirinha

Cliente: Faria Lima

“A gente não precisa de mascote; os mascotes que precisam da gente, *man*”, dispara Luiz Giannichedda, assessor de investimentos e líder do Movimento Faria Livre (“é tipo um sindicato, mas com roupas mais caras”). Da vontade de amar com a vontade de *breakevar* surgiu o Carreirinha, um simpático patinete elétrico de coletinho, mochila antifurto e crachá com QR Code. Ele fala em jargões de planilha (“vamos rodar o racional”) e seu olhar transmite a confiança de quem perdeu 23% em ações do Banco do Brasil (BBAS3) em 12 meses. “Queremos mostrar que, por trás de cada *day trader*, existe uma criança que só queria atenção”. Carreirinha será o rosto das campanhas “Mobilidade é Liquidez” e “Pix da Empatia”, incentivando executivos a reduzirem a jornada de 14 para 13 horas diárias.

Apesar da boa reação inicial da Bovespa e de herdeiros um pouco mais agitados, o mascote passa por uma crise de imagem antes mesmo de se projetar para o mundo. Na saída de uma *première*, Carreirinha foi filmado atropelando um entregador de aplicativo e – segundo testemunhas – gritando “é o livre mercado, irmão!”. A crise se espalhou mais rápido que as newsletters de investimentos e o caso pode levar a um *re-rebranding*. Estuda-se apresentar o mascote como Carrie, “o patinete que aprendeu a ouvir”. Carreirinha se recusou a comentar o episódio em que teria sido escoltado para fora de uma escola pública após apresentar às crianças uma “lagarta” diferente do imaginário infantil local.



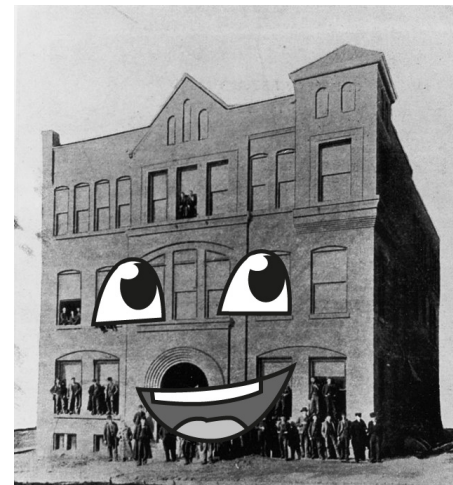
Mascote: Castelinho

Cliente: B. Lafitte (setor imobiliário)

O setor imobiliário vive um momento desafiador: excesso de prédios com nomes pomposos, apartamentos decorados com vasos sem planta e corretores que dizem “última unidade” há oito meses. Para enfrentar a crise do setor, que lamentavelmente sofre cada vez mais para esfolar o cidadão comum, a B. Lafitte lançou o projeto “Lar é Luxo”, e pediu nossa ajuda para criar um mascote “que humanize o arranha-céu”.

Assim nasceu Castelinho, um simpático condomínio antropomórfico com varandas nos olhos e uma portaria automatizada no coração. Nas campanhas desenvolvidas até aqui, ele aparece abraçando famílias de manequins e dizendo frases como “Aqui, até o fiador se sente em casa”. A empresa também sugeriu a troca de nome de “fiador” para “fiamor”.

Infelizmente, na pré-estreia do nosso mascote, em Balneário Camboriú-SC, Castelinho foi flagrado xingando um pescador e dizendo que a vida do referido trabalhador era uma maquete de baixo orçamento, além de supostamente ter-lhe dito “usa o meu piru como isca”. Desde então, o personagem tem aparecido apenas em eventos fechados para investidores – não há mais nada *concreto*, hahaha.

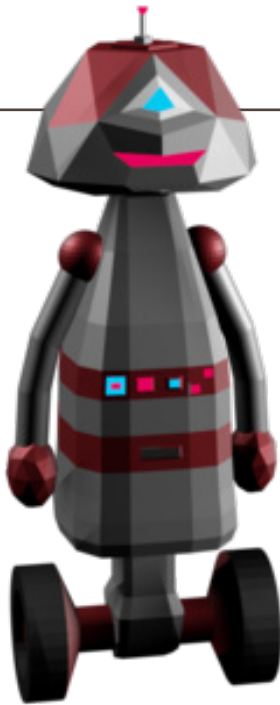


Mascote: Algoritim

Cliente: NeuraCorp

A NeuraCorp nasceu no Vale do Silício e, a bem da verdade, que se foda o Vale do Silício, pois tudo vai virar anúncio mesmo. Mas antes mesmo de elaborarmos mais alguma ofensa, a NeuraCorp se expandiu para o Brasil prometendo “democratizar a consciência digital através da empatia escalável”, nos procurou e então resolvemos parar de xingar os *yankees*, além de apagar os nossos tuítes recentes. Ninguém entendeu o que eles queriam dizer no dia da reunião porque ficamos prestando atenção no amarelo acentuado de seus dentes, mas o PowerPoint tinha gráficos ascendentes e um vídeo com *drones* sobrevoando plantações. Logo o aporte veio e o processo criativo começou.

Sugerimos um mascote “carismático, mas com valores intangíveis” para a NeuraCorp lidar com o que foi, parece, chamado de o “quarto maior escândalo de vazamento de dados da história de Idaho”. Assim nasceu Algoritim, um robô minimalista com olhos de LED e voz mansa de



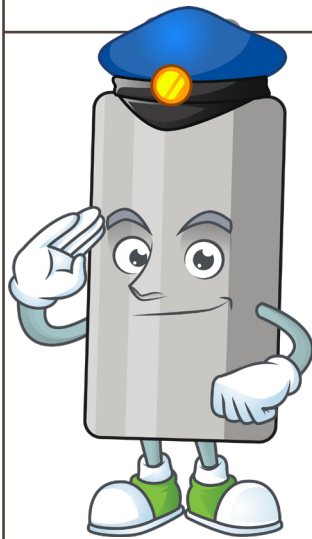
meditação guiada. Sua missão: mostrar que a tecnologia pode ser “humana, calorosa e com assinatura premium”.

Nas campanhas, Algoritim aparece carinhosamente abraçando programadores exaustos e dizendo frases como “falha é aprendizado” e “seu *burnout* é apenas uma atualização pendente”. No Natal, esperamos estrelar o comercial “Conecte-se com quem você ama (e autorize o compartilhamento de dados)”, que emocionou investidores e garantiu mais uma rodada de *seed funding*.

Contudo, entre uma filmagem e outra, Algoritim foi flagrado em um fórum da *deep web* negociando NFTs pornográficos sob o usuário AlgoZZZ. Desde então, a NeuraCorp tenta se reposicionar como uma empresa “pós-transparente”, conceito que ninguém soube explicar, mas que soa bem nas apresentações para fundos noruegueses. “Algoritim é uma metáfora perfeita da humanidade que queremos vender”, completa o CEO Harry Driver.

Mascote: Capitão Paz

Cliente: Polícia Militar



Depois de décadas enfrentando uma crise de reputação, agravada por vídeos de abordagem que viralizam mais rápido que qualquer campanha de prevenção, a Polícia Militar de Nova Alegrete-MG decidiu apostar em uma estratégia ousada: *rebranding* emocional. A missão é clara: “Queremos mostrar o lado humano da farda, mas sem parecer vulneráveis”, explicou o coronel responsável pela comunicação da corporação; alguém que o nosso estagiário de 19 anos disse se chamar apenas TEIXEIRA. Quando indagado se não aprendeu a perguntar o nome completo dos entrevistados no curso de Jornalismo, o estagiário alegou que estava nervoso em função do conteúdo de seus bolsos e da vermelhidão de seus olhos.

Foi meio assim que soubemos da criação do Capitão Paz, o mascote oficial da corporação, e resolvemos sugerir uma parceria. Um boneco inflável de sorriso sereno e colete à prova de memes, Paz foi projetado para desfilar em escolas e eventos públicos repetindo frases como “Segurança é um abraço firme” e “O medo também é um tipo de respeito”.

Do pouco que pode virar muito ou um flagrante, sugerimos a campanha “Sorria, você está sendo protegido”, que logo estreou com comerciais em tom leve nas escolas de Ensino Fundamental e em lar de idosos da região, mostrando o mascote ensinando os mais velhos a travar o portão e crianças a cantar o Hino Nacional sem gaguejar. O bordão “posso verificar sua mochila, campeão?” já é um case do sucesso da pacata cidade e a PM local estuda a abertura de uma franquia do mascote nas cidades vizinhas logo que chegar o mandado de segurança.

Mascote: Mendigo

Cliente: setor de blogueiros



“Genteeee, vem cá, vou apresentar pra vocês o Charles. Ele é tipo uma pessoa, mas que mora na rua e come lixo. Meus pais falaram que ele é um mendigo, e tipo, achei que esse fosse o nome dele. Aí ele foi mó grosso porque eu ficava chamando ele de Mendigo, Mendigo, Mendigo, hahaha como eu ia saber; palavra engraçada, né. O Charles tava aqui na esquina do prédio fazendo aura, aí eu chamei ele pra *trend* do tomate e ele foi tipo intankável. Mandei pros meus amigos e eles também nunca tinham visto um. O quê? Charles? Não, um mendigo. Aí, enfim, nisso a gente se organizou e dep...”.

Após o relativo sucesso dos primeiros mascotes, outros profissionais, como médicos, banqueiros e advogados, estudam a possibilidade de incorporar mascotes em suas áreas. O jornalista esportivo Dudu Oliveira resume tudo: “Se ver *[sic]*, qualquer erro pode ser culpa do mascote, mas vamos lutar pelo acerto”.



MUNDANEUM: um protótipo de internet

O advogado **Paul Otlet**, nascido no século 19, era ambicioso. Eu disse ambicioso? Esse belga tomava ambição no café da manhã; fervia confiança na chapa e a devorava com um molho sabor Delírio de Grandeza. Isso porque, em um misto de Wikipédia com Bioshock, ele queria catalogar todas as informações de nosso planeta, armazenando-as em cartas índice, por sua vez guardadas em gavetas como as da foto acima.

O projeto, intitulado **Mundaneum**, foi idealizado com **Henri La Fontaine** em 1895 e posto em prática em 1910. A ideia final era fazer do Mundaneum o centro de uma cidade *arquicabulosa* projetada por Le Corbusier. A instituição, então, continha pesquisadores e arquivadores que coletavam as informações que julgassem relevantes, catalogando-as em um sistema numérico sugerido pelo próprio Otlet e reproduzido nas bibliotecas até hoje.

- A atribuição de um número a uma área – vamos supor, bioquímica: 321.123 / 444 –, vem daí, uma adaptação da Classificação Decimal de Dewey.

Na década de 1930, o Mundaneum já ocupava 150 salas do Palais du Cinquenaire, em Bruxelas, atraindo milhares de visitantes, os quais podiam tirar dúvidas sobre temas que se deslocavam da higiene bucal às finanças da Bulgária. O projeto recebia um bom investimento por parte de La Fontaine, que já havia conquistado o Nobel da Paz. Por fim, a história se torna mais interessante ao sabermos que Paul Otlet sonhava em transformar sua criatura em uma rede que os cidadãos poderiam acessar de suas próprias casas. *Já pensou????*

A essa altura, o governo já estava de saco cheio de tanto espaço para pouco retorno e basicamente despejou seu pioneiro. A equipe foi reduzida a um grupo de voluntários, e sua residência esteve empilhada de papéis e mais papéis. Otlet morreu em 1944, e a Segunda Guerra Mundial certamente não ajudou a conservar o material todo. De todo modo, sua influência na consolidação de redes, e, consequentemente, da internet, é imensa.

Em Mons, ainda na Bélgica, há um museu em homenagem a essa biblioteca borgiana.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>





Quatro Histórias

Texto extraído de *Gesammelte schriften*: IV. Publicado originalmente dentro das chamadas “Quatro histórias” (*Vier Geschichten*), no jornal checoslovaco *Prager Tagblatt*, em 5 de agosto de 1934, sob o pseudônimo de Detleí Holz.

O aviso

Perto de Tsingtau, havia uma formação rochosa que se destacava por sua localização romântica e pelas paredes íngremes com as quais despencava em direção ao abismo. Esse local era o destino de muitos apaixonados em tempos felizes, que, depois de admirar a paisagem com suas amadas pelo braço, retornavam na companhia delas para um restaurante próximo. Esse restaurante ia muito bem. Pertencia ao senhor Ming.

Um dia, no entanto, um apaixonado que fora abandonado teve a ideia de acabar com sua vida

justamente ali, onde havia desfrutado tanto da existência, e, não muito longe do restaurante, lançou-se do rochedo mais alto para o abismo. Esse amante inventivo encontrou imitadores, e não demorou muito para que o promontório fosse mais maldito como ossário do que famoso como miradouro. Sob essa nova reputação, o estabelecimento do senhor Ming sofreu: nenhum cavalheiro ousava levar sua dama a um lugar onde corria o risco de ver surgir uma ambulância a qualquer momento. Os negócios do senhor Ming

pioraram cada vez mais, e não lhe restou outra opção senão refletir.

Um dia, trancou-se em seu quarto. Quando de lá saiu, dirigiu-se à usina elétrica próxima. Poucos dias depois, uma cercadura de arame rodeava-se ao longo da borda externa da romântica formação rochosa. Em uma placa que fora pendurada, lia-se: “Atenção! Alta tensão! Perigo de vida!”. Desde então, os candidatos ao suicídio passaram a evitar a região, e os negócios do senhor Ming floresceram como antigamente.

A assinatura

Potemkin sofria de graves depressões, mais ou menos recorrentes, durante as quais ninguém podia se aproximar dele, sendo terminantemente proibido o acesso ao seu quarto. Na corte, essa condição não era mencionada; sabia-se, sobretudo, que qualquer alusão ao assunto acarretaria o desagrado da imperatriz Catarina. Uma dessas depressões do chanceler durou excepcionalmente muito tempo. Graves problemas foram consequência disso; nos registros, acumulavam-se documentos cuja reso-

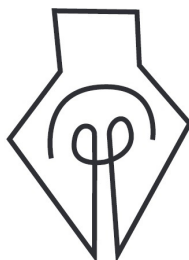
lução, impossível sem a assinatura de Potemkin, era exigida pela czarina. Os altos funcionários não sabiam o que fazer.

Nessa época, por acaso, o insignificante pequeno escrevente Shuwalkin apareceu na antessala do palácio do chanceler, onde os conselheiros do Estado, como de costume, se lamentavam e queixavam. “O que há, Excelências? Como posso servir às Excelências?”, indagou o solícito Shuwalkin. Explicaram-lhe a situação e lamentaram não poder aproveitar os seus serviços. “Se é só isso, meus senhores, deixem os documentos comigo. Eu lhes peço”.

Os conselheiros do Estado, que não tinham nada a perder, deixaram-se convencer, e Shuwalkin, com o maço de documentos sob o braço, seguiu pelos corredores e galerias até o quarto de Potemkin. Sem bater, e sem sequer parar, ele girou a maçaneta. A porta não estava trancada. No penumbroso aposento, Potemkin estava sentado em sua cama, roendo as unhas, vestindo

um roupão surrado. Shuwalkin aproximou-se da escrivaninha, molhou a pena no tinteiro e, sem dizer uma palavra, colocou-a na mão de Potemkin, apoiando o primeiro documento em seu joelho. Com um olhar ausente para o intruso, como que adormecido, Potemkin assinou; depois outro; em seguida, todos os documentos. Quando o último estava salvo, Shuwalkin saiu sem cerimônia, da mesma forma que havia entrado, com seu maço de papéis sob o braço.

Triunfante, agitando os documentos, Shuwalkin retornou à antessala. Os conselheiros correram em sua direção, arrancando os papéis de suas mãos. Ofegantes, curvaram-se sobre eles. Ninguém disse uma palavra; o grupo ficou paralisado. Shuwalkin aproximou-se novamente, perguntando com solicitude a razão do espanto dos senhores. Foi então que seu olhar também recaiu sobre as assinaturas. Cada documento, sem exceção, estava assinado: “Shuwalkin, Shuwalkin, Shuwalkin...”



DITOS & ESCRITOS
leilamariaaflesch.com



Walter Benjamin
Tradução de Walisson Oliveira

A gratidão

Beppo Aquistapace estava empregado em um banco de Nova York. O homem modesto vivia exclusivamente para o trabalho. Em quatro anos de serviço, ele havia se ausentado no máximo três vezes e nunca sem uma justificativa convincente. Por isso, deveria ser notado quando ele faltou inesperadamente em um dia. Quando, no dia seguinte, nem o homem nem sua justificativa apareceram, o chefe de pessoal, senhor McCormik, dirigiu-se ao escritório de Aquistapace e fez algumas perguntas. Mas ninguém pôde lhe dar informações. O desaparecido tinha poucos relacionamentos com seus colegas; ele frequentava italianos, que, como ele, eram de famílias humildes. Foi justamente sobre esse ponto que se baseou uma carta que, após um tempo, o senhor McCormik recebeu, esclarecendo o paradeiro de Aquistapace.

A carta vinha da prisão. Nela, Aquistapace se dirigia a seu chefe com palavras tanto formais quanto urgentes. Um lamentável incidente em seu bar de costume, no qual ele estivera completamente alheio, havia levado à sua prisão. Ele ainda não podia explicar o motivo que causou uma briga com facas entre seus conterrâneos. Infelizmente, a briga resultou em uma vítima. Agora, ele não conhecia outra pessoa a não ser o senhor McCormik para servir de fiador por sua boa reputação. Este, não só tinha interesse no trabalho diligente do preso, mas também tinha contatos que lhe permitiriam interceder junto à autoridade responsável. Aquistapace ficou preso por apenas dez dias, depois dos quais retomou seu trabalho no banco.

Após o expediente, ele foi se reportar a McCormik. Ele estava desconfortável diante do seu

chefe. “Senhor McCormik”, começou, “não sei como lhe agradecer. A você, e só a você, devo minha libertação. Acredite, nada me daria mais prazer do que demonstrar minha gratidão. Infelizmente, sou um homem pobre. E”, acrescentou com um sorriso humilde, “o senhor sabe melhor que ninguém que eu não ganho grandes riquezas no banco. Mas, senhor McCormik”, concluiu com firmeza, “há uma coisa que posso lhe assegurar: se algum dia surgir uma situação em que a eliminação de um terceiro possa lhe trazer algum ganho, lembre-se de mim. Pode contar comigo”.

O desejo

Numa aldeia hassídica, certa tarde, ao término do *sabbat*, os judeus reuniam-se numa modesta assembleia. Eram todos moradores locais, exceto um, que ninguém conhecia, um sujeito extremamente pobre e maltrapilho, que se encolhia no fundo, à sombra da lareira. A conversa havia ido e voltado. Daí trouxe alguém a questão do que cada um desejaria, caso pudesse fazer um único pedido. O primeiro queria dinheiro, o outro desejava um genro, o terceiro uma nova bancada de carpintaria, e assim a roda prosseguiu.

Quando todos haviam falado, restava ainda o mendigo no canto junto ao fogão. Relutante e hesitante, ele cedeu à insistência dos outros: “Eu

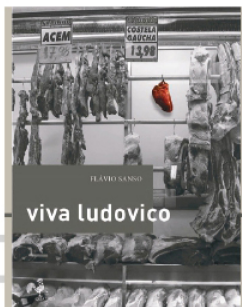
queria ser um poderoso rei e governar em um vasto país e, à noite, dormir no meu palácio, e da fronteira irrompesse o inimigo, e antes de amanhecer os cavaleiros chegassem até o meu castelo e não houvesse resistência alguma, e, despertado do sono, sem tempo sequer de me vestir, eu tivesse que fugir de camisa, e fosse perseguido por montes e vales, por florestas e colinas, sem descanso, dia e noite, até que chegasse aqui, salvo, no banco do canto de vocês. Isso é o que desejo”.

Os outros se entreolharam, sem entender. “E o que você ganharia com tudo isso?”, perguntou alguém.

“Uma camisa”, foi a resposta.



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

O Marinheiro Veloz

No final dos anos 50 do século pretérito, quando ainda não existiam as barragens de Sobradinho, Xingó, Itaparica e parte do Complexo de Paulo Afonso, que fazem movimentar o conjunto de turbinas de hidroelétricas fornecedoras do total da energia consumida no nordeste e distribuída pela CHESF, a vazão normal do Rio São Francisco era quase dez vezes superior a que se registra nos dias de hoje, o que proporcionava um sistema de navegação intenso desde as cidades de Penedo em Alagoas e Propriá em Sergipe, até Piranhas (AL), última fronteira navegável do rio no chamado Baixo São Francisco. A frenética movimentação de canoas de tolda, lanchas, barcos e navios de pequeno calado incluía a cidade de Pão de Açúcar, em Alagoas, com seu movimentado porto, estrategicamente localizada na metade do percurso. Mais tarde, não só a construção das hidroelétricas, mas o florescimento do sistema rodoviário aliado à destruição das matas ciliares e desaparecimento de inúmeros afluentes do chamado Rio da Unidade Nacional, causaram o colapso da navegação fluvial no Sertão e no Baixo São Francisco, ficando reduzida ao que hoje é, subsistente apenas o transporte de pessoas e mercadorias destinadas às feiras livres locais, podendo ser citada ainda uma incipiente atividade turística.

Pois bem. Por aqueles idos, Pão de Açúcar ostentava o posto de cidade desenvolvida, sediando indústrias beneficiadoras de algodão e arroz e um comércio muito movimentado, para onde confluíam representantes comerciais ligados a vários ramos da atividade mercantil. Eram os famosos “viajantes”, que munidos de suas pastas e catálogos iam promover a venda de produtos os mais variados. A cidade contava com alguns hotéis que acomodavam os visitantes, cinema, pequenos restaurantes, bares frequentados por boêmios das mais variadas matizes e, como em todas as cidades desenvolvidas da época, seus cabarés.

Como dizia o saudoso Ariano Suassuna, toda cidade de interior dá-se ao luxo de abrigar seu louco e seu mentiroso oficial. Em Pão de Açúcar, Tonho Doido, o representante dos sem-juízo, era famoso por ocupar horas e horas dos seus modorrentos dias medindo a água do rio, o que fazia com o auxílio de uma lata vazia de óleo vegetal, com a quantidade recolhida convertida em “apolo”, um sofisticado sistema métrico decimal de sua autoria. A depender das horas trabalhadas, o resultado era apresentado em apolos d`água, quantidade que invariavelmente retornava para o lugar de onde era procedente — o rio.

O segundo personagem era “seu” Chagas do Hotel, assim conhecido por ser proprietário da hospedaria mais próspera e conhecida da cidade, não apenas por sua excelente acolhida, mas em especial pela fama do dono, o mais prodigioso contador de histórias de confirmação duvidosa daquelas paragens. Seu Chagas não era um mentiroso qualquer que inventasse estórias com o intuito de enganar, confundir, prejudicar a imagem de alguém, mas um cidadão que mentia (recorro mais uma vez ao mestre Ariano) “por amor à arte”.

Nas longas noites do lugar, às vezes amenas, outras com temperaturas beirando os 40º, a única e mais divertida maneira de chegar em paz ao dia seguinte eram os causos do Chagas, e a coisa funcionava assim: ora o contador de fatos duvidosos e não provados contava uma anedota e alguém do improvisado auditório contava outra na tentativa de superá-lo, ora os presentes contavam as suas, mas ninguém até então conseguira reverter o quadro, isto é, debulhar mais criatividade que o mestre e anfitrião, e assim sua fama se espalhava por rios e mares. Famosas estórias como a do Nêgo D`Água, personagem que ainda hoje povoa o imaginário fantástico dos ribeirinhos, que fora capturado por um pescador em Paulo Afonso, criado e educado à maneira dos humanos por um comerciante de Propriá, encerrando seus dias como marinheiro na Bahia, ou do macaco que sobreviveu a um pequeno naufrágio graças à sua extraordinária habilidade de nadador, eram contadas e recontadas sob aplausos. A respeito desta última não acabou em estrondoso fiasco do narrador, graças à providencial interferência de sua mulher, Dona Celestina, que acrescentou uma cerca de arame farpado ao lago, em cujas estacas nosso peludo ancestral teria se agarrado até a vinda do competente socorro chegado, em tempo hábil, da terra firme. Dona Celestina era uma espécie de Terta do Sertão, citação alusiva à famosa personagem de Chico Anísio, que não apenas confirmava as avessadas histórias de seu marido Pantaleão, como às vezes dava-lhes uma retificadora roupagem.

Ednaldo Eirado, representante comercial de Recife, frequentador habitual do Hotel e fã dos contos fantásticos de Chagas, resolveu uma noite superá-lo em astúcia e inteligência, afirmando para todos que contaria uma mentira tão, mas tão inverossímil, que obrigaria seu opositor ocasional a ficar calado e fora de combate por muito tempo. Diante da descrença geral, foi criada uma bolsa de aposta sem prévio conhecimento de Chagas, evidentemente, com cada um dos presentes depositando em uma caixa de papelão certa quantia em moedas e cédulas, que passariam a pertencer ao, digamos, desafiante, caso se sagra-se vitorioso em tão aguerrida peleja. Todos devidamente acomodados em seus lugares, veio a bomba que adiante reproduzo *ipsis litteris*:

“Um marinheiro do Corpo de Fuzileiros Navais que servia à Marinha de Guerra do Brasil no Rio de Janeiro decidiu, em férias, visitar seus familiares que moravam em Paulo Afonso. Alto, forte, moreno claro e musculoso, conversa agradável, apresentou-se ao comandante do vapor Itália no porto de Penedo para viajar à sua terra natal, sendo de imediato admitido na embarcação como passageiro de primeira classe. Muito extrovertido e galante, dirigiu-se ao convés e ali travou amizades, entre um e outro gole de cachaça de cabeça com bom tira-gosto de peixe frito, no intuito de abreviar as cerca de quatro horas do percurso de mais de cem quilômetros ou seu correspondente em milhas náuticas — 53,996.



Massilon Silva

Depois de navegar por 40 quilômetros, a embarcação aportou na cidade de Piaçabuçu, Alagoas, para procedimento correio de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, desembarcando também o jovem militar da armada nacional. Como não precisasse de bilhete de passagem (fazia valer-se da famosa “carteirada”) e ninguém lhe sabia o nome, foi deixado naquela cidade supostamente por não haver conseguido retornar a tempo para o reembarque. Isto porém só foi notado pelos demais passageiros e pela tripulação após meia hora de viagem, no entanto, por se tratar de pessoa com raízes ribeirinhas, talvez houvesse ficado em casa de algum parente ou conhecido, para no dia seguinte tomar outro barco e completar o percurso fluvial. O fato não deixou de causar certa inquietude entre os passageiros que até mesmo aventaram pela possibilidade de afogamento em algum ponto perigoso do rio, o que era quase frequente em circunstâncias assemelhadas. Felizmente, não foi o que ocorreu, como mais tarde ficou constatado. Naquela noite, o rio se mostrava com águas menos revoltas, o vento era pouco, o que permitia o deslocamento tranquilo da nave, reduzindo em meia hora o tempo previsto da chegada, navegando a uma velocidade de 20 nós/h.

Chegando o Itália ao porto de Pão de Açúcar; desatadas as amarras; baixada a âncora e alcançada terra firme passageiros e tripulantes, a surpresa: o passageiro/marujo estava no porto, já sem camisa, vestindo bermuda e tomando umas e outras na agradável companhia de populares. Estarrecidos, todos quiseram saber como o jovem lobo do mar conseguiu chegar antes do vapor, considerada a impossibilidade de viagem por terra em virtude da inexistência de estradas e veículos de roda. Veio então a explicação. ‘Realmente eu desci em Piaçabuçu, porém, ao notar que a viagem seria demorada e maçante, optei por vir nadando. Em determinado trecho, ao passar pelo barco, ainda acenei para o piloto, mas a escuridão não lhe permitiu que me avistasse. Segui nadando e cheguei primeiro, como todos estão vendo, são e salvo’.

Narrada a história com invejável categoria, Ednaldo ainda arrematou: “Inacreditável!, dirão alguns, mas pessoas hoje ainda vivas me asseguraram de sua veracidade”. Os circunstâncias então emudeceram ante o fato consumado da perda das apostas, olhando uns para os outros estarrecidos com aquela capacidade imaginativa, preparavam-se para pagar o combinado. Uma inesperada reação do natural oponente, no entanto, recobrou-lhes os ânimos. Viram Chagas convocar sua respeitável senhora, dizendo em alto e bom som:

“Ouvir isso, Celestina? Se a história fosse contada por mim, todos diriam que jamais aconteceu, chamando-me de mentiroso, e esta é a razão pela qual nunca tornei público o acontecimento. Ouvi tudo calado, sem interferir e principalmente para ver se a narrativa correspondia à realidade, mas o marinheiro era eu!”.

Aplausos da entusiasmada plateia.





Santa

No espaço mínimo, esgueirando-se entre ombros e mochilas. Além das janelas de vidro, a pixação no muro do condomínio em construção: DEUS em azul escuro. Sinal fechado e a mulher dividindo o olhar entre o muro e o relógio de pulso, sete horas em ponto. A faixa de veículos parados se estende, o horizonte é calor ondulado. Na outra via, os carros voltando livremente; em um ônibus da mesma linha, só o motorista e o cobrador. Ela segue com o olhar até perdê-lo de vista, o ônibus vazio. O nome se destaca na parede nova. Uma mulher ergue uma sombrinha de estampa florida bem no momento em que passa por DEUS. Ela não vê. O outro também, um garoto montado numa bicicleta, movimentos tortos. Quase bate na mulher, a sombrinha vacila. O sinal ainda fechado. Os motoristas dos carros parados, todos impacientes, olham pra frente. O ônibus está cheio. Começam os comentários sobre o calor, parece meio-dia, de que, dessa vez, o atraso foi dobrado e as obras da prefeitura só servem pra aumentar o congestionamento. A conversa de que o bairro está crescendo e as empresas dos coletivos não acompanham, mas o preço da passagem sempre sobe. Outros falam de futebol. No fundo, alguém liga um som, reggae tocando. O relógio denuncia sete horas e quinze segundos.

A mulher, entre um homem do dobro da sua altura e uma outra mulher com três sacolas plásticas nas mãos trêmulas, continua encarando o nome. Nas tentativas de se virar vai de encontro ao hálito quente de alguém, cabelos emaranhados, braços suados. Não há outro espaço pros seus olhos. Algo passa roçando a sua perna. Nem se mexe, não consegue identificar se foi um homem ou alguma criança, pernas ou mochilas.

A poeira entra no ônibus, gruda nas suas costas molhadas, nos seus cabelos. Com a poeira vem a tosse e os espirros, o barulho do asfalto sendo quebrado, o cheiro de terra e cimento, o esgoto aberto. Passa meio minuto, uma faixa da pista está interditada. Um

pingo de suor dos cabelos do homem cai no ombro dela. Não faz diferença, o ombro todo úmido. Segura o corrimão com mais força, a respiração pesa.

Na esquina o muro é mais alto, duas fileiras de blocos cinzentos, ainda sem reboco nem pintura. O amarelo é vivo, gotejado no chão. E a calçada, cheia de areia do terreno que vão moldando. Os ponteiros do relógio mal se mexem, passa o primeiro minuto e o semáforo todo vermelho. Do motor do ônibus, um ronco assusta a idosa que tenta cochilar encostando a cabeça na janela fechada.

— Ô, minha senhora, dá pra abrir essa janela aí? Calor da porra — uma voz sonolenta.

Aumentam o som, a idosa não entende muita coisa. Suspira. O engatar da primeira marcha denuncia que o sinal abriu, os motoqueiros são os primeiros a abrirem caminho, voltam as buzinas. Altas, todas breves, a idosa ainda se assusta. O ônibus para no ponto seguinte. Todos seguem, o muro fica.

— Esse é o pior sinal do Bui, agora fica mais tranquilo.

— Vá na onda, bicho. Espera chegar lá na pista, cê vai ver.

O ônibus passa pelo quebra-molas com tudo. Tá carregando boi, é? Batem na porta traseira, o cobrador resmungo, mas ninguém entende. Sete e três, o relógio já gasto, o dourado descascando. A próxima parada é a do Shopping, se prepara. Uma multidão desce e a mulher segue como se também fosse, mas se ajeita nos fundos. O garoto ao seu lado mexe no celular, troca de música. Ela sorri quando o rapper inicia o primeiro verso. O motorista se apressa e consegue dobrar a esquina antes de o sinal fechar.

A mulher vê as árvores se aproximando, vê uma praça. Cercada pelo verde, vários bancos gastos, um menino atrás de uma bola meio murcha e um casal de adolescentes usando fardas da mesma escola, trocando beijos. Um velho jogando milho pros pombos, que pousam de monte. No centro

da praça há uma santa. O altar eleva a imagem à altura das árvores mais baixas, galhos do cajueiro próximo chegam a tocar a redoma de vidro que a protege. Os braços abertos envoltos num manto azul, as ondulações talhadas no gesso. Da janela do ônibus o rosto é uma miniatura. Ela não consegue enxergar os detalhes, força a vista.

As mãos, cada vez mais firmes, seguram o corrimão. A porta traseira abre, e descem mais pessoas, sobem outras. A santa com os braços abertos. — E aí, Vitinho? — diz o homem que acaba de maiair. — Soube do primo do Seu Meira?

Uma voz responde que não, o ônibus mais cheio. A mulher não se mexe, repara na santa e escuta a conversa. O garoto abaixa o som, presta atenção em todos. — Mataram, pô. Aqui na praça, ontem. Ó a mancha de sangue ali, ó. Segue o dedo apontado do homem: vermelho no chão, já apagado. O menino chuta, os pombos pousam, folhas caem. As sandálias esculpidas com zelo. Ela consegue identificá-las porque são bem verdes, se destacam sob o manto azul como os cabelos vastos e lisos. A pele é branca, quase pálida, mas não há palidez no gesso. Uma ventania surge do outro quarteirão. Os pombos são os primeiros a abandonarem a praça. O menino agarra a bola e desaparece entre as árvores. As folhas pousadas no sangue seco se esvaem, o velho segura o boné com as duas mãos. O vento não atravessa a redoma, o ônibus segue viagem.

A mulher se inclina, não consegue deixar a santa, que some aos poucos. Aparecem as lojas, a escola e os estudantes chegando, a Farmácia do Trabalhador já aberta. Tudo passando. A mulher puxa a corda com força. O apito estridente. Aproxima-se da porta ainda mais, pede licença uma vez. Desce antes mesmo da porta abrir completamente. O ônibus indo, espaço mínimo.

À direita, a praça. A mulher segue a passos firmes. No fim do quarteirão, um monte de entulhos. Pedacos de madeira e espuma: o esqueleto de um



Lucas Litrento

Conto integrante de TXOW (Loitxa Lab, 2025)

Feliz aniversário

Beatriz Dourado

sofá. Para. As duas mãos estão fechadas, quando as abre, vê as palmas avermelhadas. Pega uma ripa de madeira sem hesitar, a maior delas, com as pontas dos pregos à mostra. Sente o peso. Tropeça numa pedra e grita de dor, mas não solta o pedaço de madeira. Atravessa a rua sem olhar direito pros lados, motoristas buzinando. Olhares estranhos pousam sobre ela.

O caminho até a santa é curto, os passos saem devagar, vai observando o ambiente. Caminha até a marca apagada de sangue. No centro do vermelho-asfalto a mulher só enxerga o altar. A sombra do corpo e a do pedaço de madeira se misturam com o vermelho no chão. O velho tira o chapéu e acompanha com os olhos o passo lento da estranha.

Ela para a dois passos do altar, recua um pouco. Percebe as luzes ao redor do vidro, um pisca-pisca. Lâmpadas um pouco maiores que os grãos jogados pros pombos. Também vê os detalhes grosseiros, a pressa na pintura e as cores se misturando. Os olhos brancos, a íris torta, a boca torta.

A mão ensanguentada segurando o pedaço de madeira com força. Os pregos enferrujados rasgando o chão. A mulher levanta os braços. O pedaço de madeira erguido, mirado na santa, o recuo e o arremesso. A ripa atravessa tudo, as lâmpadas, o vidro e o gesso, os pedaços estilizados. Caem dois blocos. O busto encontra o chão de cimento queimado, não há mais cabelos lisos nem olhos fixos. O rosto desintegrado perde toda a forma. Alguns pedaços do manto permanecem.

Cacos de vidro rasgam o jeans da mulher. Pingos de sangue nos restos do manto azul. Ela não olha ao redor, toda a sua atenção voltada pra santa. Procura o pedaço de madeira, está no chão cercado de vidro. Pega de forma grosseira e volta pros blocos de gesso. Os golpes são firmes, vidros no ar. Sobe a poeira branca. A forma vai sumindo, tudo é esbranquiçado e brilhante. Não há mais a coisa sólida, o vento no manto, nem o verde das sandálias.

Um estouro. O tampão de cortiça arremessado a cinquenta e cinco quilômetros por hora pela pressão borbulhante das uvas francesas te faz sorrir mais uma vez. Ergo a taça e te desejo uma vida de monges — desses que curvam sua própria existência às rezas e ao fabrico de bebidas.

Desses que fazem bolos e cantam em coros gregorianos.

Desses que acendem incensos e palavras. E raspam os cabelos e permanecem bonitos. E permanecem sorrindo. E permanecem.

Te quero no instante em que um bebê nasce e você se dá conta que a vida é esse troço bonito dentro do peito e não há nenhum papel a assinar sobre isso.

Quero te dar em embrulho de presente aquele milésimo de segundo de lucidez que temos quando estamos sentados nas pedras, diante do mar, a pensar que viemos ao mundo para isto mesmo: olhar o mar. Que os sons mexam com seus neurônios e então todas as terminações nervosas em seu corpo passem a movimentar braços e pernas e peito e boca. Que a ciranda que danças em torno do Sol seja isso: um impulso sem sentido.

Lembra de quando subimos degrau por degrau da torre de Firenze e lá no alto eu já não sabia se o ar me faltava por cansaço ou por contemplação? Que viver, para ti, seja essa Síndrome de Stendhal. *Um dolce far niente* sem culpa.

Aujourd'hui plus qu'hier et bien moins que demain.

Esses dias eu li que a pipoca só foi descoberta porque o vendedor de amendoim derrubou alguns grãos de milho na máquina com óleo quente por acidente. Então te desejei esse susto. Que você nunca esqueça que respirar incessantemente é um sopro assustador e saboroso.

Do you remember when all of our friends were waiting for us to celebrate your birthday?

Com eles, um esperanto sem fim, amor, para tirar o peso dos dias.

Que essa estrutura espiral que te edifica se misture milimetricamente à minha e assim, numa sopa poética-científica nós tenhamos cada vez mais rolhas a estourar, ano após ano, *ad infinitum*.



Portal Fazia Poesia apresenta

CHAMADA ABERTA

equipe de poetas
2026

O QUE

Ao integrar a nossa equipe de poetas, você poderá, entre outras coisas, publicar seus poemas no portal Fazia Poesia, onde postamos de 2 a 4 poemas por dia.

QUANDO

O período de inscrições começa no dia 1º de novembro e vai até 1º de dezembro ou até atingirmos 300 inscrições. Ou seja, não deixe para o último dia.

COMO

- » Acesse FAZIAPoesia.COM.BR
- » Leia atentamente o edital
- » Prepare seus poemas
- » Faça sua inscrição

contato@faziapoesia.com.br

portal
fazia.
poesia

instagram.com/faziapoesia

cesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br

sses faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br acesse faziapoesia.com.br

Pontos de distribuição do Jornal RelevO

<i>Alagoas</i>
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim
<i>Amazonas</i>
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena Espaço Cultural
Sebo Édipoeira
<i>Bahia</i>
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz
<i>Ceará</i>
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
<i>Distrito Federal</i>
BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
<i>Espírito Santo</i>
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
<i>Goiás</i>
GOIÂNIA
Livraria Palavrear
<i>Maranhão</i>
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
<i>Mato Grosso</i>
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store
<i>Mato Grosso do Sul</i>
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
<i>Minas Gerais</i>
BELO HORIZONTE
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
JUIZ DE FORA
Banca Vera
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Maranta Livraria
Domus Brasilis Livraria
Samsara Espaço Esotérico
<i>Pará</i>
BELÉM
Rede Amazônia Literária

<i>Paraíba</i>
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
<i>Paraná</i>
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Fisk Araucária
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
LONDRINA
Nosso Sebo
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Estação Curitiba Café
Livraria e Cafeteria Café com Letras
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
RIO NEGRO
Sabiá Discos
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatará
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Otelo
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brise Bar
Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Van Gogh
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Café Per Tutti
Casa das Bolachas
Casa Luce
Casa Portfolio
Cataia Bar
Chelsea Burgers & Shakes
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Fabrika Pães & Café
Faraoh Records
Fingen Café
Five Lab
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
COMUNICAÇÃO
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Go Coffee
Grân's Café
Inked Café
Itiban Comics Shop
Janaíno Vegan Bar

Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Link Café
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chain
Livraria Vertov
Love City
Lucca Cafés Especiais
Lupita Bistrô Bar
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
Novo Café do Teatro
Ópera Garden Café
Pão Prosa
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaira Comunicação
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Teatro Enio Carvalho
Teatro José Maria Santos
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Viva la Vegan
<i>Pernambuco</i>
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste
Casa Mendez
Livraria da Praça
Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez
<i>Piauí</i>
TERESINA
Café Quatro Estações
<i>Rio Grande do Norte</i>
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária
<i>Rio Grande do Sul</i>
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Macun Livraria e Café

VERSÃO NOVEMBRO DE 2025

Rede Beabah
Ventura Livros
SANTA MARIA
Livrria e Grife UFSM
<i>Rio de Janeiro</i>
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura Associação
Pró-Melhoramento
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária - Biblioteca Comunitária
Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Books Livraria
Capitu Café
Casa 11 Sebo e Livraria
Letra Viva Café e Histórias
Livraria Berinjela
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Prefácio
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Pequeno Lab
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Livraria Flamingo
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
<i>Rondônia</i>

CACAOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
<i>Roraima</i>
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

<i>Santa Catarina</i>
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiá Café
ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Casa 97
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria

<i>São Paulo</i>
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Pangeia Editorial
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas



312 PONTOS
25 UNIDADES
DA FEDERAÇÃO
92 CIDADES
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Casa Brasilis
Circulo Livraria
Coffee Lab
Comix Book Shop
LiteraSampa - IBEAC
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraíbas
Livraria da Tarde
Livraria Insulto
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
Lop Lop Livros
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Café da Ponta
O Cão Engarrafado
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo
<i>Sergipe</i>
ARACAJU
Livraria Escariz
<i>Tocantins</i>
PALMAS
Sebo da Vovó

O Macaco Que Quis Ser Escritor Satírico

Augusto Monterroso
Tradução de Millôr Fernandes

Na Selva vivia uma vez um Macaco que quis ser escritor satírico.

Estudou muito, mas logo se deu conta de que para ser escritor satírico lhe faltava conhecer as pessoas e se aplicou em visitar todo mundo e ir a todos os coquetéis e observá-las com o rabo do olho enquanto estavam distraídas com o copo na mão.

Como era verdadeiramente muito gracioso e as suas piruetas ágeis divertiam os outros animais, era bem recebido em toda parte e aperfeiçoou a arte de ser ainda mais bem recebido.

Não havia quem não se encantasse com sua conversa, e quando chegava era recebido com alegria tanto pelas Macacas como pelos esposos das Macacas e pelos outros habitantes da Selva, diante dos quais, por mais contrários que fossem a ele em política internacional, nacional ou municipal, se mostrava invariavelmente compreensivo; sempre, claro, com

o intuito de investigar a fundo a natureza humana e poder retratá-la em suas sátiras.

E assim chegou o momento em que entre os animais ele era o mais profundo conhecedor da natureza humana, da qual não lhe escapava nada.

Então, um dia disse vou escrever contra os ladrões, e se fixou na Gralha, e começou a escrever com entusiasmo e gozava e ria e se encarapitava de prazer nas árvores pelas coisas que lhe ocorriam a respeito da Gralha; porém de repente refletiu que entre os animais de sociedade que o recebiam havia muitas Gralhas e especialmente uma, e que iam se ver retratadas na sua sátira, por mais delicada que a escrevesse, e desistiu de fazê-lo.

Depois quis escrever sobre os oportunistas, e pôs o olho na Serpente, a qual por diferentes meios — auxiliares na verdade de sua arte adulatória — conseguia sempre conservar, ou substituir, por melhores, os cargos que ocupava; mas várias Serpentes amigas

suas, e especialmente uma, se sentiriam aludidas, e desistiu de fazê-lo.

Depois resolveu satirizar os trabalhadores compulsivos e se deteve na Abelha, que trabalhava estupidamente sem saber para que nem para quem; porém com medo de que suas amigas dessa espécie, e especialmente uma, se ofendessem, terminou comparando-a favoravelmente com a Cigarra, que egoísta não fazia mais do que cantar bancando a poeta, e desistiu de fazê-lo.

Finalmente elaborou uma lista completa das debilidades e defeitos humanos e não encontrou contra quem dirigir suas baterias, pois tudo estava nos amigos que sentavam à sua mesa e nele próprio.

Nesse momento renunciou a ser escritor satírico e começou a se inclinar pela Mística e pelo Amor e coisas assim; porém, a partir daí, e já se sabe como são as pessoas, todos disseram que ele tinha ficado maluco e já não o recebiam tão bem nem com tanto prazer.

